

Debate

Sobre

Arte

Concreta

Foi movimentado e de bom nível o debate promovido, dia 2 de outubro, pela Galeria das "Folhas", a propósito da exposição conjunta de Lygia Clark, Franz Weissmann e Lothar Chroux naquela galeria paulista.

Presidência pelo escritor José Geraldo Vieira, a mesa-redonda começou às vinte e uma horas, no auditório das "Folhas", com a presença de artistas, críticos, estudantes e interessados em questões de arte. A mesa assistiram-se Theus Spanudis, Mário Schemberg, Lygia Clark, Lothar Chroux, Décio Pignatari, Waldemar Cordeiro e este cronista. De acordo com a programação dos debates, cada um dos artistas expôs breves ideias palavras sobre seu próprio trabalho, seguindo-se a discussão em torno das ideias do artista. Assim, falou Chroux, mais tarde em um lugar de Weissmann que ficou no Rio e finalmente Lygia Clark. De modo geral, pode-se dizer que durante o debate estabeleceram-se três posições diferentes, que eram defendidas, — a) por Cordeiro, Pignatari, Haroldo e Augusto de Campos; b) por Spanudis, Lygia Clark e eu; e c) por Mário Schemberg. O grupo a, partindo em defesa da exploração de Chroux, mas fazendo questão de definir certos pontos nos quais o artista parecia indeciso, defendeu uma definição de arte concreta rigorosamente racionalista, regida por princípios matemáticos. O grupo b, acendendo as experiências concretas e a temática geométrica, rejeitou a afirmativa do grupo a, segundo a qual os artistas concretos lançavam mão de um "racionalismo instintivo". A pintora Lygia Clark fez questão de esclarecer que, de sua parte, trabalhava intuitivamente, o que não a impede de objetivar o resultado de um trabalho feito e, com essa observação, partir para outro. A terceira posição, neste caso, era defendida por Mário Schemberg que, admitindo a postulação do grupo b (Lygia, Spanudis e eu), aproximadamente em suas conclusões do grupo a (Cordeiro, Pignatari), admitindo certa dependência da

arte concreta às realidades matemáticas e até certo ponto encontrando uma justificativa mais científica do que estética para as pesquisas dos artistas concretos. (1)

Spanudis discordou dessa afirmativa de Schemberg, dizendo por sua vez que a aproximação da arte concreta com a matemática era um fenômeno historicamente compreensível pela "natura" da própria arte, mas que mesmo ponto das afinidades culturais de uma mesma época. Concordando com Spanudis, acrescentamos que as regras matemáticas, quer que sejam adotadas pelos artistas, do passado ou do presente, terão um interesse puramente artesanal, constitutivo, mas que nada têm a ver com a qualidade e a "natureza" estética da obra, uma vez que só a apreensão perceptiva direta e a arte de (quadro, escultura, desenho) se rende integralmente. Descobrir relações matemáticas numa obra é um exame "analfabeto" que se realiza fora de uma realidade propriamente estética.

Chegado a esta altura, o debate enveredou para as relações entre razão e sensibilidade, racionalismo e instinto, tendo Décio e Augusto afirmado que não arte concreta, tal como concebem, o trabalho criador não se realiza espontaneamente. Alguém perguntou se a intuição não seria apenas a criação do quadro quando Lygia Clark afirmou que, no seu caso, nunca a intuição e Décio Pignatari respondeu que o artista concreto usa a intuição mas não a espontaneidade; tratava-se de um "racionalismo sensível". Argumentamos que não havia intuição sem espontaneidade e que o fato de um artista trabalhar com regras, compasso, esquadros e tira-linhas não excluía nem a intuição nem, por isso, a espontaneidade. Tampouco — afirmamos — uma obra de arte concreta é mais "precisa" que um quadro de El Greco, por exemplo. O artista concreto procura formas mais simples, mais definidas, facilmente redutíveis a módulos geométricos rudimentares, mas a precisão de que a estética fala, e a única precisão que importa para as obras de arte, esse é o que se realiza em cada obra concreta; trata-se de uma precisão sensível.

Daí passou-se à discussão do "sentido" das obras concretas, tendo Cordeiro afirmado que a arte concreta não é uma arte de expressão mas de criação. Alguém que toda arte era criação sendo o mesmo tempo expressão, porque arte é intencional, uma arte que não exprime. Lygia Clark assegurou que sua pintura tem caráter expressional. Levantou-se Haroldo de Campos e afirmou que do ponto de vista do artista é útil distinguir entre duas categorias (semi-ólicas) de signos: o signo que é signo de alguma coisa e o signo que é signo de si mesmo. A arte do passado e toda a arte figurativa estão no primeiro caso, enquanto a arte concreta, de Mondrian para cá, estaria no segundo. Spanudis discordou, afirmando a caráter expressivo dos signos abstratos, particularmente dos geométricos. Disse que, em seus estudos de psicologia profunda, Jung descobriu que muitos doentes mentais usam círculos, quadrados, triângulos como símbolos espontâneos, isto é, transformam símbolos psíquicos para formas geométricas, procurando resolvê-los através desses símbolos. (Nesta altura houve rápida e violenta troca de palavras entre Spanudis e Haroldo de Campos, mas não houve voto e o debate prosseguiu o seu curso). Tomando o paléstrico, abordamos de novo o problema do signo que é "signo de alguma coisa" e do signo que é "signo de si mesmo". Argumentamos dizendo que essa distinção, perfeitamente válida no campo das linguagens discursivas, nenhuma sentença possui dentro da linguagem simbólica-formal da arte, uma vez que a pintura (ou a escultura) nunca teve por objetivo imitar ju-topográficamente os objetos. Sendo assim, uma maçã de Cézanne não é o signo de uma maçã real, mas um novo signo criado, não obediência da maçã real mas apesar da maçã real; Cézanne destrói a maçã real pela criação de um signo inteiramente novo. Isso não impede que, numa ditada puramente analítica, não-estética, seja possível reacionar a maçã de Cézanne com a maçã real, mas uma tal atitude desconhece o quadro de Cézanne como obra de arte e o quadro como um elemento soberano de mercancia. Essa mesma atitude, transferida para o campo da arte concreta, é que tem gerado todos os equívocos e preconceitos da crítica reacionária, para quem um quadro de Mondrian é um tabuleiro de xadrez e um quadro de Lygia Clark é mero desenho de ladrilho... Os retângulos de Mondrian não que-

rem ser "retângulos", os quadrados de Lygia Clark não querem ser "quadrados", as maçãs de Cézanne, os cubos de Weissmann, as elipses de Peesner, não querem ser maçãs, cubos, elipses; são formas-símbolos, veículos de uma realidade existencial que o artista formula. Essa distinção semi-ólica, no campo das artes visuais, não tem portanto nenhuma aplicação. Pensando a escultura de Franz Weissmann, o debate se fez então em torno de novos problemas. Sem pretender definir a escultura de Weissmann não houve nem chamadas a atenção para alguns pontos de suas características e assim abrir caminho para a discussão, dissemos que o elemento principal dos trabalhos desse artista era o espaço, que ali se substituíam a massa. O espaço não como negativo da massa, mas como uma realidade independente, autônoma, dinâmica. Para esse artista — dissemos — não há mais oposição entre forma e espaço, e ele usa a forma como indicação de espaço, e que se conjugam para revelar e justificar o espaço real, emprestando-lhe vitalidade e transcendência.

O Presidente Geraldo Vieira referiu-se à última frase de Weissmann, em que se nota certa ligação com o que os outros falaram. Referenciando a "forma", entre as palavras de Weissmann e os trabalhos de Vieira, acrescentando o caráter "intencional" da forma de Weissmann. De nossa parte, embora reconhecedor da influência de Vieira sobre Weissmann, dissemos que se mantêm o mesmo. Schemberg, por sua vez, lembrou palavras do próprio Weissmann que, referindo-se a um de seus trabalhos, confessava ter partido da intenção de inserir uma esfera dentro de um cubo. Alguém perguntou qual o limite do espaço, de que modo determinar onde termina e onde acaba o espaço de Weissmann. Já que se trata de uma expressão puramente espacial, várias respostas foram dadas a essa questão, que nascera de um equívoco. Na verdade, explicou-se, uma escultura espacial encerra seu espaço (dentro) e a determinação não cabe ao artista, limitando-se, como um erro de metal ou o que seja, o limite de sua escultura, uma vez que ali se tem o fato do espaço e não o percebemos como parte dele.

Chego a vez de Lygia Clark falar sobre seus trabalhos. Disse a artista que a sua pintura, tornando a superfície como suporte abstrato, diz que a pintura concreta que trabalha com formas seriadas e que desse modo oferece uma composição dentro do espaço. Em seu caso — disse — não se trata de uma expressão pura, mas de uma expressão que se cria simultaneamente com o quadro, com a superfície. O espectador, em lugar de ler as formas numa e numa para alcançar o conteúdo do quadro, é levado a olhar nuances e ver máis, estabelecendo-se uma comunicação por assim orgânica, infra-visual, fenomenológica, entre a obra e o espectador.

Um dos presentes (o pintor Fracarroli) assegurou que, na sua opinião, muito embora os quadros de Lygia não possuíssem moldura, muito embora se articularão os emoldurados eles continuavam cercados por uma moldura. Fracarroli referiu-se também à linha-orgânica, à linha-espacia e à linha-linha de Lygia Clark, dizendo que se tratavam de novas "formas visuais" que a pintura dava denominações originais. Contestamos a afirmativa de Fracarroli chamando-lhe a atenção para o fato de que "formas visuais" são os mesmos pontos de um quadro de Goya, de Velasquez, de Morandi, de Piero della Francesca. Efeitos visuais, em suma, são pelo menos 50 por cento do que vemos (trabalho) no campo das artes visuais, linhas, ritos, gestos, superfícies planas). Quanto ao fato de Lygia usar uma linha cortada na superfície (linha-espacia) ou linhas cortadas e pintadas de branco (linha-linha) não se trata de "formas visuais" de procurar "efeitos visuais", "ilusões ópticas". E não se lê o marxista usar o pigmentário, pigmento, espátula como usar pistão, pistão-espacia, contração, meio e branco. Depois de alguns minutos de discussão suscitada ainda por esses mesmos problemas, foi encerrada a mesa-redonda.

Durante o debate sobre "o espaço na arte", realizada na Galeria das "Folhas" e de que faço um resumo nesta mesma página, veio à baila o problema de certos fenômenos visuais a que a psicologia introspectivista convencional chama "ilusões de óptica". Na ocasião, refutando a alegação de um dos presentes, segundo a qual a pintura de Lygia Clark utilizava apenas "ilusões de óptica", aludimos à contribuição da Teoria da Gestalt para o esclarecimento desses fenômenos. Se abordamos, agora, isoladamente esse ponto das discussões, é porque ele nos parece fundamental para a compreensão das artes visuais em qualquer de suas manifestações, embora sua importância para a estética e a crítica de arte pareça até hoje negligenciada pela maioria dos estudiosos.

A expressão "ilusão de óptica" foi criada para denominar certos casos em que a percepção visual contraria outros tipos de percepção tidos preconceitualmente como "mais precisos". E o caso, por exemplo, do desenho em que duas verticais "do mesmo tamanho" parecem de tamanho diverso desde que se lhes acrescentem, nas extremidades, linhas oblíquas em direções opostas. A Gestalt, vendo a percepção como um fenômeno complexo em que será sempre impossível separar o objeto do meio, a figura do fundo, compreende de modo diferente essa "ilusão": para a Gestalt as duas linhas verticais são uma forma que é transformada inteiramente com o acrescento dos segmentos oblíquos em suas extremidades; não se trata pois de uma "ilusão", mas de uma realidade visual que só pode ser explicada pelas leis do campo visual. Que sentido tem, para a percepção óptica, discrepância visual entre duas linhas que se encontram a uma distância de 100 m? A Gestalt compreende a autonomia dos diversos campos perceptivos, reconhece suas leis específicas e, em lugar de fabricar condições especiais para explicar os fenômenos visuais, preferiu examiná-los no contexto natural, quotidiano, procurando compreender a natureza da percepção em lugar de julgá-la de segundo um modelo ideal. Tal ponto de vista é de suma importância para a compreensão das artes visuais, uma vez que esmagou todo e qualquer preconceito intelectualista, em nome do qual se queria condenar as invenções formais que rompem o quadro convencional das "verdadeiras percepções". A tendência a aceitar os postulados intelectualistas é, no entanto, bem maior do que se pode pensar, e acontece contra ainda com a adesão de homens como Walter Gropius que, em trabalho relativamente recente (1), encampa as experiências de Karl Kely, segundo o qual nossas sensações "provêm de nos mesmos". Para provar isso, Kely nos faz olhar seguidamente através de três orifícios do tamanho de nosso olho: em cada um deles se verá um cubo com suas três dimensões e seus quatro lados. Então Kely abre as caixas dentro das quais espalamos pelos orifícios, e nos mostra que a impressão no primeiro caso há um cubo de arame; no segundo há um desenho plano sem linhas, paralelas e, no terceiro, vários fios estendidos entre dois arames que convergem para o olho do observador. Kely conclui então que "a sensação não podia provir do material, pois nos dois casos não se tratava de um cubo e não podia provir da organização da retina pois essa organização não é um cubo". A sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior.

Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente, mas de nos mesmos. Provinha da experiência anterior). Kely só não explica o que levou o observador a ver, no primeiro caso, um cubo que mais tarde ficou provado existir (Kely sentença: "O cubo não existe salvo quando o denominamos como tal", e essa sensação não provinha do material de nosso ambiente